

PONTO DE VISTA E REFERENCIAÇÃO NAS TIRINHAS DA LAERTE COUTINHO

POINT OF VIEW AND REFERENTIATION IN LAERTE COUTINHO'S COMIC STRIPS

Bruno Huann da Silva Nogueira (UFRPE)¹

Suzana Leite Cortez (UFPE)²

Fábio André Cardoso Coelho (UFF)³

Resumo: Este trabalho busca analisar como ocorre a construção de pontos de vista (PDV) em tirinhas da cartunista Laerte Coutinho que tratam da temática de transição de gênero da personagem Hugo para Muriel. O artigo está embasado na teoria enunciativo-interacional do ponto de vista de Alain Rabatel (2013, 2015, 2016[2008]) e busca compreender como se constroem perspectivas e percepções na narrativa (Rabatel, 2015, 2016[2008], Cortez, 2011), em articulação com a teoria da referenciação de base sociocognitivo e interacional (Mondada e Dubois 2019[1995]; Cavalcante e Martins, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022). Nesse contexto, orientamo-nos pelo pressuposto fundamental de que a referenciação é uma das estratégias de construção do ponto de vista (Rabatel, 2016[2008]; Cortez, 2011). Defendemos ainda que a construção dos PDVs deve considerar os elementos multissemióticos do texto, o que se faz neste trabalho pela adoção de uma abordagem qualitativa para o tratamento e a análise das tirinhas. Nossas análises evidenciam a existência de recategorizações em situações de construção de humor nas tirinhas. Nesses casos, observamos que essas recategorizações colaboram para PDVs que dão foco à construção da feminilidade de Hugo durante o processo de transição de gênero, através de situações ou elementos do universo feminino. Observamos, ainda, que os referentes Hugo e Muriel são sempre perspectivados de modo diferente, evidenciando PDVs dissonantes. Enquanto Hugo aparece nas narrativas chateado, insatisfeito ou incapaz de realizar alguma ação/atividade, Muriel aparece contente e capaz de realizar ações/atividades que Hugo não consegue.

Palavras-chave: ponto de vista; referenciação; tirinha; mudança de gênero.

Abstract: This work seeks to analyze how the construction of points of view (POV) occurs in comics by cartoonist Laerte Coutinho that deal with the theme of gender transition of the character Hugo to Muriel. The article is based on the enunciative-interactional theory from the point of view of Alain Rabatel (2013, 2015, 2016[2008]) and seeks to understand how perspectives and perceptions are constructed in the narrative (Rabatel, 2015, 2016[2008], Cortez, 2011), in articulation with the theory of referentiation based on sociocognitive and interactional (Mondada and Dubois 2019[1995]; Cavalcante and Martins, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022). In this context, we are guided by the fundamental assumption that referentiation is one of the strategies for constructing a point of view (Rabatel, 2016[2008]; Cortez, 2011). We also argue that the construction of the POVs must consider the multisemiotic elements of the text, which is done in this work by adopting a qualitative approach to the treatment and analysis of the comics. Our analyses show the existence of recategorizations in situations of humor construction in the comics.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). <https://orcid.org/0000-0002-8316-5008> E-mail: bruno.huann@ufpe.br

² Doutora em Linguística pela Unicamp com Pós-Doutorado em Linguística pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. <https://orcid.org/0000-0003-0983-0900> E-mail: suzana.cortez@ufpe.br

³ Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com Pós-doutorado em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). <https://orcid.org/0000-0003-1288-6868> E-mail: fabiocoelho1976@gmail.com

In these cases, we observe that these recategorizations contribute to POVs that focus on the construction of Hugo's femininity during the gender transition process, through situations or elements of the feminine universe. We also observe that the referents Hugo and Muriel are always viewed differently, evidencing dissonant POVs. While Hugo appears in the narratives upset, dissatisfied or unable to perform some action/activity, Muriel appears happy and able to perform actions/activities that Hugo cannot.

Keywords: point of view; referentiation; comics; gender change.

Introdução

Neste trabalho, objetivamos analisar como ocorre a construção do ponto de vista (PDV) em tirinhas da Laerte Coutinho que tratam da temática de transição de gênero do personagem Hugo para Muriel. A pesquisa fundamenta-se nos postulados da teoria de base enunciativa e interacional do ponto de vista, proposta por Alain Rabatel, no final da década de 1990, em interface com a teoria de base sociocognitiva e interacional da referenciação (Mondada e Dubois, 2019[1995]).

No panorama brasileiro, destacamos os trabalhos de Cortez (2011) e Cândido da Silva (2021), os quais fizeram uma conexão entre os postulados da teoria rabateliana do PDV e os postulados da referenciação, demonstrando tratar-se de uma interface frutífera. Diferentemente desses trabalhos, que tinham como *corpus* de pesquisa textos⁴ cuja semiose verbal foi alvo de investigação, na nossa pesquisa lidamos com tirinhas, um gênero que requer necessariamente uma análise multissemiótica. Assim, situamo-nos em congruência com os postulados atuais sobre os estudos da referenciação (Cavalcante; Martins, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022) que põem em prática o pressuposto de que a referenciação se manifesta por elementos multissemióticos⁵, quer dizer, pela convergência de sistemas semióticos distintos ou de diferentes semioses.

Esse entendimento guia nossa compreensão sobre a maneira como o PDV se manifesta nas tirinhas, uma vez que a análise do PDV neste gênero não pode desconsiderar a articulação de diferentes semioses (verbal, imagética, gráfica, etc.) que atuam na perspectivação dos objetos de discurso e na construção dos sentidos do texto, orientando-o argumentativamente. Assim, os elementos multissemióticos, para além do verbal, serão considerados nesta discussão, evidenciando a necessidade de uma ampliação teórico-metodológica na análise do PDV através da referenciação.

Tal preocupação alinha-se à investigação realizada por Nogueira (2024), cujos dados foram recortados e sintetizados para a discussão neste trabalho. Outra preocupação orienta a escolha das tirinhas na pesquisa do autor: a temática da transexualidade em contexto pedagógico. Como aponta a ANTRA⁶, no ano de 2023, no Brasil, houve um total de 145 mortes⁷ confirmadas de pessoas transexuais⁸, o que mostra a necessidade de dar visibilidade a esta temática no âmbito acadêmico e educacional, em um país onde pessoas transexuais são alvo de constante preconceito e crime. Diante deste cenário alarmante, a pesquisa de Nogueira (2024) elaborou e realizou uma proposta pedagógica para o trabalho com a leitura na escola, ancorada nos postulados do ponto de vista e da referenciação, que se afinam a este trabalho.

⁴ Respectivamente reportagens de revistas e redações no modelo ENEM.

⁵ Utilizamos o termo “multissemiótico” em conformidade com o que defende Cavalcante *et al.*(2019). Para os autores, todo texto tem uma dimensão multissemiótica.

⁶ Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

⁷ Essa e outras informações sobre dados da violência podem ser conferidas através do seguinte link: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>>.

⁸ A própria entidade admite que o número pode ser bem maior porque a subnotificação é significativa.

Para a realização do objetivo deste trabalho, este artigo está estruturado da seguinte maneira: na primeira parte apresentamos uma discussão focada no conceito de ponto de vista, tratando de elementos importantes como a noção de locutor e enunciador; na segunda parte, tratamos da noção de referência, destacando os processos referenciais de introdução e anáfora, além da concepção de redes referenciais; na terceira parte, discutimos a relação que essas duas teorias mantêm, destacando a necessidade de analisar os elementos multissemióticos nas tirinhas para a análise do PDV; por fim, apresentamos os aspectos metodológicos e a análise das tirinhas.

1 O ponto de vista pelo prisma rabateliano

A concepção rabateliana de ponto de vista que assumimos neste trabalho funda-se a partir da crítica à noção estruturalista de *focalização*⁹ narrativa, amplamente discutida no âmbito das pesquisas literárias, especialmente, por Gérard Genette, de quem Rabatel (2015, 2016[2008]) se distancia. A perspectiva do PDV dá conta de analisar outros textos para além do gênero literário (Rabatel, 2015), como também se diferencia da perspectiva genettiana, na medida em que defende haver uma argumentação em textos que não são prototipicamente argumentativos. Essa ruptura e ampliação da noção de PDV elaborada por Rabatel (2015, 2016[2008]) evidenciam a complexidade e dinamicidade do fenômeno que, pela ótica rabateliana, passa a ser visto por um cunho enunciativo e interacional:

a abordagem enunciativa do ponto de vista, em ruptura com a tipologia das focalizações de Genette, permite ultrapassar uma narratologia de essência estruturalista, ao articular abordagens linguísticas, estilísticas e literárias [...]. Tal escolha teórica supõe ultrapassar a abordagem imanentista da narrativa para se apoiar em uma análise interacionista da narrativa [...]. (Rabatel, 2016[2008], p. 15-16).

Assim, os postulados teóricos elaborados por Rabatel (2013, 2015, 2016[2008]) mostram a inviabilidade de o PDV ser investigado no quadro teórico de uma abordagem formal. É preciso considerar também que é na dinâmica da relação entre texto, gênero e discurso que o PDV deve ser investigado, já que, para o autor, todo texto possui um PDV que guia sua interpretação e é configurado na relação com o(s) PDV(s) das instâncias enunciativas que são presentificadas no texto, pois nenhum PDV se dá apenas pela manifestação do eu-aqui-agora, do locutor-enunciador, mas sempre na relação com outros enunciadores (Rabatel, 2015, 2016[2008]). Como defende Rabatel (2016[2008], p. 83), “não há ponto de vista sem enunciador, não há enunciador sem ponto de vista”, o que faz com que enunciador e ponto de vista sejam dependentes, mas não sejam a mesma coisa nem se confundam.

Por esta ótica, a relação entre enunciadores, especialmente a disjunção locutor/enunciador, ocupa o centro da teoria do PDV de Alain Rabatel. Assim, o PDV principal ou o PDV do texto resulta de um jogo de PDVs, que é gerido pelo locutor/enunciador primeiro (L1/E1), a instância que assume a responsabilidade enunciativa sobre o que diz (o dito atrelado ao eu-aqui-agora) e como diz (o modo). A maneira como L1/E1 apreende um objeto de discurso na relação com outros enunciadores, isto é, como se posiciona em relação ao PDV destes, se em consonância ou se em dissonância, é determinante para a construção do PDV principal. É este PDV principal que guia a orientação argumentativa do texto nesse jogo dialógico de pontos de vista.

Segundo O. Ducrot, Rabatel defende que nem todo enunciador é locutor, mas todo locutor é enunciador: “todo locutor é enunciador, todo enunciador não é, necessariamente,

⁹ A discussão sobre a focalização proposta por Genette pode ser observada no livro “Figures III” publicado originalmente em 1972. No Brasil, é possível encontrar esse livro traduzido como *Figuras III* pela editora Estação Liberdade no ano de 2017.

locutor.” (Rabatel (2016[2008], p. 82). Para o autor, “o locutor (L) é a instância que profere um enunciado (em suas dimensões fonéticas e fáticas ou estruturais) [...]. O Enunciador (E) está na origem do PDV.” (Rabatel, 2013, p. 44). Em outras palavras, dizemos que o locutor é a instância encarregada de gerir as informações presentes do texto, que vão configurar os pontos de vista, ao passo que o enunciador é um centro de percepção ou a instância que assume o conteúdo de um PDV de forma *parcial* – quando L1/E1 atribui-lhe um conteúdo de percepção fazendo emergir o PDV deste outro, enunciador, sem que a ele seja dado o direito de fala (falar por si mesmo) – ou de forma *integral* – quando este enunciador é convocado no texto de forma direta, através de seu próprio dizer, isto é, quando fala por si mesmo porque a este é dado espaço como locutor segundo (l2)¹⁰. Isso quer dizer que os enunciadores segundos (e2, e3, e4, etc.), estes que estão em relação com L1/E1, o qual os presentifica no texto, estão sob a gerência de L1/E1.

O uso das letras maiúsculas indica que L1/E1, como instância principal, é encarregado de gerir os pontos de vista no texto. As demais instâncias sendo apenas enunciadores são representadas pelo “e” minúsculo acrescido do número 2 em diante. Quando a este é dado o espaço de fala, isto é, de falar por si mesmo, ainda que no texto de L1/E1, usa-se a representação locutor/enunciador segundo, assim indicado: l2/e2. Tal fato nos mostra que o locutor pode em seu dizer apresentar então diferentes perspectivas, ou seja, mais de um PDV.

Nessa linha de pensamento, é preciso entender que o ponto de vista não é uma questão de quem sabe ou de quem fala ou ainda uma questão de opinião, simplesmente, mas sim um modo de fazer-ver, porque diz respeito à maneira como são perspectivados objetos e entidades na relação entre enunciadores. Neste fazer-ver, objetos de discurso são perspectivados no texto, sob a gerência de L1/E1, o que faz com que emergjam diferentes PDVs. Dentre estes PDVs representados, é possível flagrar o PDV principal que guia o leitor no sentido de direcioná-lo a fazer-ver sob determinada perspectiva que conduz a orientação argumentativa do texto. Nas palavras de Cortez (2011, p. 35), o PDV diz respeito a “uma elaboração conceitual (sociocognitiva e discursiva) que conecta o sujeito focalizador ao objeto de conhecimento, particularizando um recorte social, histórico e ideológico da realidade ou do conteúdo interpretado.” Cabe ressaltar que, como vem sendo estudado em linguística de texto no Brasil, desde os primeiros trabalhos de Cortez (2003, 2005, 2011) até mais recentemente¹¹ através dos trabalhos de Cândido da Silva (2021), Rocha (2023), Nogueira (2024) e Silva e Cortez (2024), uma das possíveis maneiras de se perceber e analisar o PDV é através da referênciação.

2 Referênciação: introdução referencial, anáfora e redes referenciais

Para esta investigação, lidamos com a noção de referênciação, como um dos critérios de análise da linguística textual, conforme evidenciam diversos trabalhos do grupo Prototexto¹² (Macedo, 2018; Cavalcante *et alii*, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022). De modo geral, a discussão sobre a referênciação gira em torno da construção e reconstrução do mundo e de realidades por meio da linguagem, ou seja, de como através da linguagem os sujeitos, de modo intersubjetivo, constroem colaborativamente categorias para representar os seres, objetos e coisas do mundo (Mondada e Dubois, 2019[1995]). Sobre esse debate, Marcuschi (2004) elucida que esta discussão tem

¹⁰ Em consonância com Rabatel, dizemos “segundo”, pois a presença deste no texto é gerida por L1/E1 como instância primeira. Na maior parte dos contextos, pode-se dizer que este enunciador segundo (e2) é subordinado a L1/E1 no sentido de ser dirigido por este, o que nem sempre implica uma posição de inferioridade, como é o caso em que L1/E1 coenuncia com e2, isto é, utiliza-se do seu PDV, apoiando-se neste, para fazer valer o seu.

¹¹ Estes trabalhos situam-se no âmbito das discussões do grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Texto (Gesto/UFPE/CNPq).

¹² Grupo gestado e liderado historicamente pela professora Mônica Magalhães Cavalcante na Universidade Federal do Ceará e cuja líder atual é a professora Mariza Angélica Paiva Brito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *Campus* Liberdade, Redenção-CE.

aproximadamente 2500 anos de contínua tradição e já foi debatida em várias áreas do conhecimento, como a filosofia e a semântica.

A visão sobre a referenciação empregada atualmente nos estudos do texto advém da divulgação e interpretação da tese de doutorado de Lorenza Mondada em 1994 e do trabalho de Mondada e Dubois (2019[1995]) e se opõe às visões clássicas, de cunho formal, da referência¹³. Nesses trabalhos, as autoras partem de um viés sociocognitivo da linguagem e argumentam que a língua não funciona como um espelho que reflete os objetos do mundo, tampouco como um sistema de etiquetas prontos para nomear os objetos e seres do mundo. Em virtude dessa mudança de paradigma na compreensão da referência, Mondada e Dubois (2019[1995]) adotam o termo *referenciação*, em detrimento do termo *referência*, por entenderem que se trata de atividade discursiva de construção de referentes que ocorre de maneira complexa, subjetiva, negociada e processual. Também em decorrência dessa mudança, adota-se o termo *objeto de discurso* (em detrimento de “objeto de mundo”) para designar o referente, ou seja, categorias que são (re)criadas para representar os seres e objetos do mundo.

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 41), a referenciação diz respeito a uma atividade de “construção sociocognitiva-discursiva de objetos de discurso reveladores de versões da realidade e estabelecidos mediante processos de negociação.” Nesse sentido, essa definição nos guia para três pontos relevantes: (i) (re)elaboração da realidade; (ii) negociação entre interlocutores e (iii) trabalho sociocognitivo. Em relação ao primeiro, tem-se como base o princípio de que a função da linguagem não é expressar fielmente uma realidade, mas sim construir realidades, sejam elas verdadeiras ou ficcionais. Como bem lembra Marcuschi (2007, p. 68), “mais do que um *retrato*, a língua é um *trato* da realidade”, ou seja, um aparato de (re)construção daquilo que entendemos como o real/realidade. Isso implica dizer que nem sempre o que está em jogo é uma representação fidedigna da realidade. Seguindo essa lógica, Marcuschi (2007, p. 96) defende também que “a língua, é assim, uma fonte de possibilidades de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo”.

No tocante à negociação como um princípio constituinte da referenciação, Cavalcante *et al.* (2022, p. 271) postulam que “são negociações porque não correspondem a uma verdade, nem à melhor verdade, mas a verdades filtradas por óculos sociais por vezes divergentes e por perspectivas individuais nunca coincidentes.” Em outras palavras, mesmo que a construção de objetos de discurso seja divergente entre os interlocutores, ainda assim há um “acordo” de aceitação que permite o desenvolvimento da interação e, ao mesmo tempo, a compreensão do texto. Além disso, o último princípio diz respeito ao caráter sociocognitivo constitutivo da atividade de referenciação. Como situam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 39-40), essa abordagem busca “estabelecer uma relação essencial entre o processo de conhecer (da alçada da cognição) e as experiências culturais (da alçada social)”. Esses três pilares que estão calcados na definição de referenciação encontram suas raízes no trabalho de Mondada e Dubois (2019[1995]) e se contrapõem a uma visão vericondicional da referência, ou seja, ao entendimento de que a referência é um mero ato de designação de objetos no mundo.

No bojo dessa discussão, destacamos dois processos referenciais importantes para o nosso trabalho, a saber: *a introdução referencial* e *a anáfora* (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014). Como bem ressalta Cavalcante *et al.* (2022, p. 290), “o objetivo do estudo dos processos referenciais não se limita a meras identificações e classificações de expressões referenciais, mas sobretudo, a observar como tais processos constroem sentidos e pontos de vista, através das relações entre referentes em rede.” Partindo disso, as introduções referenciais acontecem quando o objeto de discurso é inaugurado na tessitura do texto. Já as anáforas correspondem às retomadas dos objetos de discurso que podem ocorrer tanto de forma correferencial, explícita (anáfora direta) quanto de forma não explícita, nesses casos tem-se a anáfora indireta. A sequência de evoluções sofridas pelos

¹³ Perspectivas filosóficas e também linguísticas que defendem uma relação estrita entre linguagem e mundo, como a semântica formal, onde destacamos, por exemplo, o trabalho de Frege (2011) sobre sentido e referência.

referentes nos processos anafóricos leva ao fenômeno de *recategorização*. Esse fenômeno é entendido como “uma transformação de traços dos referentes conforme as pistas deixadas no cotexto e o modo como elas interagem com aspectos sócio-históricos” (Cavalcante; Martins, 2020, p. 253). Nesse cenário, Lima (2017) amplia esse debate ao defender a recategorização em textos multissemióticos e cunhar o termo *recategorização imagética* para tratar da recategorização que ocorre em textos cuja semiose imagética se destaca (tirinhas, memes, etc.).

Em sintonia com as reformulações por que têm passado os estudos sobre a referenciação, trazemos à baila a significativa proposta de Matos (2018). O trabalho dessa pesquisadora volta-se para a progressão referencial e se propõe a defender que o conceito amplamente difundido nos estudos da referenciação de *cadeias referenciais* seja substituído por *redes referenciais*. Para Matos (2018, p. 169), as redes referenciais dizem respeito a um “entrelaçamento de sentidos na construção de referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam funcionalmente, aos modos de constituição dos textos”.

Vale pontuar que a noção de redes referenciais ainda não é totalmente consensual entre os estudiosos da linguística textual, mas vem ganhando espaço nos trabalhos sobre a referenciação, como, por exemplo, em Muniz da Silva (2021), Cândido da Silva (2021) e Oliveira (2020). Ademais, é preciso destacar que a análise da progressão referencial pela concepção de redes possibilita uma análise mais ampla do que a abordagem de cadeias referenciais, porque a análise não se detém exclusivamente às relações de retomada e recategorização que se revelam pela menção cotextual do referente. No caso de textos multissemióticos, como as tirinhas que aqui investigamos, essa noção se torna ainda mais relevante.

3 Articulações entre ponto de vista e referenciação

Admitindo aproximações entre a noção de ponto de vista e a de referenciação estudada por uma abordagem discursiva na França, Rabatel (2015, 2016[2008]) defende que a referenciação é um fenômeno importante para a construção do PDV. Nessa perspectiva, a referenciação funciona como um recurso pelo qual se pode apreender o PDV. Rabatel (2016 [2008], p. 104) explica ainda que “a referenciação não é jamais neutra, mesmo quando os enunciadores, modalizam ou comentam o menos possível”. Assim, o autor tenta mostrar que todo processo de referenciação implica uma tomada de posição, isto é, uma construção de pelo menos um ponto de vista sobre um objeto. Desse modo, o PDV põe em evidência a construção textual dos referentes, os quais estão necessariamente e sempre atrelados a uma perspectiva. Como ratifica Cortez (2013, p. 293), “todo objeto de discurso é sempre perspectivado, sendo construído na cadeia referencial¹⁴ [...], todo objeto de discurso manifesta o ponto de vista de um ou mais enunciadores.” Por isso, a referenciação é um instrumento relevante na percepção do PDV.

Apesar do reconhecimento de que a referenciação é importante para o PDV, a teoria rabateliana concebe a referenciação atrelada aos elementos linguísticos/verbais do texto. Para Rabatel (2016[2008] p. 30), a referenciação consiste nas “escolhas de seleção, de combinação, de atualização do material linguístico.” Na verdade, essa noção de referenciação em Rabatel (2013, 2016[2008]) encontra afinidade com os postulados pioneiros de Mondada e Dubois (2019[1995]), refutando uma abordagem referencialista, porém, diferentemente dos estudos em linguística textual sobre a referenciação no Brasil, na atualidade, as pesquisas sobre o PDV ainda precisam avançar no reconhecimento de que o texto é multissemiótico (Cavalcante *et al.* 2019).

No panorama brasileiro, mostrou-se frutífera a articulação entre estas noções nos trabalhos pioneiros de Cortez (2003, 2011) e Cortez e Koch (2013), os quais fizeram uma conexão entre os

¹⁴ Não adotamos, neste trabalho, a perspectiva de análise de referentes pautada na noção de cadeia referenciais, pois entendemos que tal abordagem limitaria nossas possibilidades investigativas. Ao contrário disso, nos alinhamos à perspectiva de redes referenciais discutida por Matos (2018).

postulados da teoria rabateliana e os postulados da referenciação, considerando os estudos da referenciação à época. No caso desses trabalhos, tomou-se como *corpus* de investigação textos predominantemente verbais, pois o foco das investigações naquele momento eram textos desta natureza. Neste artigo, contudo, propomos ampliar esse olhar sobre a análise do PDV, porque não se pode mais ignorar a multissemiose constitutiva dos textos em gêneros como o que aqui analisamos, tampouco a construção multimodal do PDV.

Para tanto, é evidente que precisamos fazer deslocamentos teóricos. Nesse sentido, a interface entre a teoria da referenciação de inclinação multissemiótica e a do ponto de vista nos ajuda a lançar um olhar mais amplo sobre o PDV, direcionando, nossa atenção para elementos semióticos diversos, tais como, imagens, cores, ângulos, etc., além, evidentemente, dos elementos verbais. Essa consideração da multissemiose dos textos pode ser vista em trabalhos sobre a referenciação (Matos, 2018; Cavalcante e Martins, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022), contudo não se observa ainda em linguística de texto, tal consideração da multissemiose quando se trata de analisar o PDV. Como são muito poucos os trabalhos nesta direção (Nogueira, 2024), pleiteamos neste artigo a análise multissemiótica do PDV.

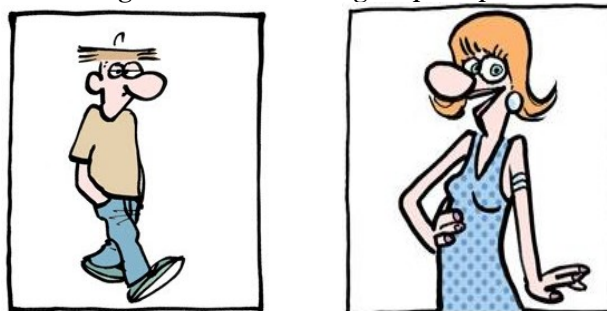
Em consonância com essa visão, Nogueira (2024) defende que a construção do PDV deve perpassar, necessariamente, os elementos multissemióticos do texto, ainda mais considerando o objeto de análise que são as tirinhas, no qual encontramos os elementos verbais totalmente entrelaçados aos elementos não verbais em prol da construção de sentidos. Dessa forma, o autor assume que não considerar tais elementos na análise do PDV compromete o acesso à coerência do texto, pois, como explica Cortez (2011, p. 36), o PDV tem “importante atuação na construção da coerência. É, portanto, fator que guia a compreensão do texto, na medida em que influi sobre a interpretação que o leitor faz de sequências do texto e do texto em sua globalidade.” Essa coerência que defendemos não é propriedade do texto, mas é alcançada mediante à ligação dos elementos multissemióticos, incluindo os verbais, e uma série de conhecimentos e saberes que são mobilizados pelo leitor para a compreensão (Cavalcante *et al.* 2019; Cavalcante *et al.*, 2022).

4 Aspectos metodológicos e análise das tirinhas

Metodologicamente, esta pesquisa segue a linha qualitativa, pois nosso foco de investigação não recaiu na quantificação do fenômeno estudado, mas na compreensão de como se dá a relação entre ponto de vista e referenciação no gênero investigado. As tirinhas que compõem o *corpus* desta pesquisa integram a obra da renomada quadrinista Laerte Coutinho e, de forma geral, todas são atravessadas por uma temática em comum que é a mudança de gênero do personagem Hugo. Como personagem transexual que em um determinado momento¹⁵ começa a comportar-se diferentemente e a se questionar sobre o seu gênero após a mudança de gênero, Hugo passa a se reconhecer como Muriel. Apresentamos, abaixo, os personagens principais dessas narrativas, estando Hugo à esquerda e Muriel à direita.

¹⁵ Quando falamos em momento, na verdade, estamos falando do período de construção da obra de Laerte Coutinho. Segundo Nóbrega Filho (2016), é em meados de 2005, quando Hugo começa a fazer experimentações em relação a elementos do universo feminino e Laerte começa a construir a sua feminilidade. É, no entanto, somente em 2008 que Muriel começa a fazer parte da obra. Primeiramente, divide espaço com Hugo e, posteriormente, quando a mudança de gênero é realizada, Muriel passa a ocupar inteiramente o espaço nas tirinhas.

Figuras 1 e 2 – Personagens principais



Fonte: www.laerte.art.br - Acesso em: 12 de nov. 2023.

Seguindo a categorização da pesquisa de Nogueira (2024), as tirinhas aqui analisadas revelam as duas fases pelas quais passa o/a personagem principal, a saber: i) a fase inicial da transição de gênero, que se caracteriza pelas descobertas do universo feminino, sendo marcada pela troca de roupas e uso de objetos que constroem a feminilidade e ii) a fase posterior à transição de gênero, que se caracteriza por embates sociais, situações de reconhecimento de si como pessoa LGBTQ+, sendo marcada por situações de preconceito e desrespeito. Consoante Nogueira (2024), na primeira fase, as tirinhas evidenciam tanto a presença de Hugo quanto a de Muriel, enquanto que, na segunda fase, não existe mais Hugo, sendo a personagem apenas Muriel.

Para a análise deste artigo, trazemos três tirinhas provenientes deste contexto mais amplo de mudança de gênero, o qual é estudado de forma detida na pesquisa de Nogueira (2024)¹⁶. As tirinhas analisadas neste trabalho são da primeira fase ou fase inicial, como indicamos acima, sendo observados os principais referentes e sua evolução no texto. Além disso, identificamos: as instâncias enunciativas do PDV, como são perspectivados os referentes <Hugo> e <Muriel>¹⁷ e os PDVs principais que colaboram para a construção de sentidos. Neste cenário analítico, destacamos os elementos multissemióticos do texto, sem os quais a coerência global ficaria comprometida. Abaixo, apresentamos a primeira tirinha e, em seguida, iniciamos a análise.

Tirinha 1 – A promessa de Hugo



Fonte: www.laerte.art.br - Acesso em: 12 de nov. 2023.

Nesta tirinha, destacamos Hugo como personagem principal, portanto instância enunciativa (I2/e2), a qual se subordina ao narrador (L1/E1), que é encarregado de gerir os pontos de vista e as informações na narrativa. Esta tirinha enquadra-se na primeira fase da personagem (Nogueira, 2024) e por isso Hugo ainda aparece na trama revelando uma espécie de conflito de identidade. Este conflito ocupa o centro da narrativa e é sustentado por uma tensão enunciativa

¹⁶ Em seu estudo, Nogueira (2024) coletou 40 tirinhas, as quais situam as duas fases da personagem Hugo/Muriel.

¹⁷ Na análise, consideramos estes elementos gráficos < > para indicar o referente, diferenciando-o da expressão referencial anafórica.

entre Hugo e Muriel, ou seja, entre as duas facetas do próprio personagem, cujos PDVs são distintos. Este fenômeno em que se observa a reformulação do próprio PDV é tratado por Rabatel (2006) como autodiálogo. Disto resulta a mudança de perspectiva no modo como o narrador enquadra a personagem: os três primeiros quadros mostram o esforço de Hugo na tentativa de cumprir a promessa, que fez a Santa Edwiges, de se vestir como homem, porém a expectativa do leitor é quebrada na medida em que Hugo não se sente bem usando roupa masculina e termina a história livre, leve e saltitante vestindo-se com roupa e acessórios do universo feminino.

Nesse âmbito, Hugo é personagem (enunciador), mas também é referente. Observa-se na trama a recategorização de Hugo através da conjugação de elementos verbais e não verbais, ou seja, através do que ele fala, assumindo um modo de pensar e agir, e de como, neste contexto, ele é imageticamente posicionado. Para isso, colaboram de forma direta: suas expressões faciais, a postura corporal, adereços de cena, incluindo as roupas que veste e o destaque dado à cor vermelha. Como objeto de discurso, Hugo é introduzido no primeiro quadrinho agradecendo de forma entusiasmada (com boca bem aberta e olhos compenetrados) à santa por ter conseguido quitar uma possível dívida (“eu saí do vermelho”).

Em seguida, há a retomada anafórica do referente (anáfora direta imagética), sem que haja grandes mudanças, mas apenas o acréscimo de algumas informações relativas à promessa feita, que colaboram para situar o leitor sobre o esforço que Hugo vai empreender após a graça alcançada. Porém, no terceiro quadrinho, podemos observar que mudanças começam a ser operadas. O referente evolui de forma marcante no cotexto, o que pode ser notado através de sua insatisfação ao pegar com desprezo o par de sapatos e a calça, como evidencia sua expressão facial e a postura curvada ao sentar-se na cama. Notamos, ainda, que nos três primeiros quadrinhos, as cores estão em tom pastel e são mais apáticas (se comparadas ao que ocorre no último quadrinho, em que o pano de fundo é verde, estando em evidente contraste com a personagem Muriel vestida de vermelho).

A semiose imagética é decisiva neste texto para efetivação da mudança, conferindo novos atributos ao referente, que contrastam com o entusiasmo dos dois primeiros quadrinhos e revelam a impossibilidade de ele cumprir a promessa feita. As feições de Hugo evidenciam sua insatisfação diante da vestimenta masculina. Este terceiro quadrinho pode ser considerado a transição para o que vai ocorrer com o personagem no fim da história, quando Hugo se transforma em Muriel e adere ao vermelho, vestindo-se de mulher. O PDV principal que guia a narrativa é o de que é melhor ficar no vermelho e ser feliz do que viver de forma regrada, mas insatisfeito. Este PDV se constrói no contraste entre dois modos de pensar e agir do personagem Hugo, o qual se apoia em outro referente, <vermelho>, que também é recategorizado na narrativa. Em ambos os casos, trata-se de uma recategorização imagética, conforme definiu Lima (2017).

No caso da recategorização do objeto de discurso <vermelho>, o termo verbal não se altera. Dessa forma, a evolução dos referentes acontece em rede como postula Matos (2018), pois a ligação não se dá de um termo para outro, mas sim da semiose verbal para a semiose imagética. O referente é introduzido no primeiro quadrinho como uma figura de linguagem, pois vermelho nesse primeiro momento não alude à cor, mas sim a uma expressão utilizada para indicar que alguém está numa situação financeira ruim, geralmente, com dívidas. Nesse caso, o vermelho está associado ao alívio de Hugo por conseguir quitar suas dívidas. Em contrapartida, quando é recategorizado, no último quadrinho, esse objeto de discurso aponta para a cor vermelha. Nesse momento, o vermelho está associado ao prazer, à alegria e ao bem-estar de Hugo, em utilizar um vestido dessa cor e isso é perceptível pela expressão facial de satisfação e alegria da personagem. A maneira como esses referentes estão dispostos e evoluem no texto colabora para a construção dos PDVs em contraste, os quais dão sustentação ao PDV principal.

Assim, Hugo, enquanto l2/e2, faz uma promessa grande demais, a ponto de não poder cumpri-la, o que o deixa insatisfeito e descontente. Porém, como ocorre a recategorização deste referente, o PDV é reformulado e, de forma surpreendente, Hugo aparece como Muriel, contente

e sem as obrigações com a promessa, estando, assim, desfeito o autoconflito. Neste cenário, o PDV que guia a orientação argumentativa da tirinha é aquele representado por Hugo como Mulher ao final do texto. É isto que o narrador quer fazer-ver e levar o leitor a realizar esta interpretação de que é melhor não assumir algo que seja maior do que o que se pode sustentar, que, neste contexto, traduz-se como: seja o que você é, assuma sua identidade com autenticidade. Em síntese, a identificação e interpretação dos referentes da tirinha é fundamental para flagrar os PDVs que são construídos no texto, pois, como atesta Cortez (2013, p. 293), “todo objeto de discurso manifesta o ponto de vista de um ou mais enunciadores, sendo tecido num jogo dialógico que pode ser vislumbrado pela retomada anafórica, pela recategorização do referente, ou simplesmente na progressão referencial.”

Tal como ocorre na tirinha 1, na tirinha 2 a seguir, observamos novamente Hugo como enunciador e referente que passa a ser recategorizado de forma verbalmente explícita pelo uso do nome “MURIEL” e de todo o aparato indumentário, no último quadrinho. Desta vez, Hugo, como Muriel, aparece em posição ativa, determinada e não simplesmente leve e saltitante, como ocorre na tirinha 1, o que evidencia uma evolução da personagem na obra da Laerte Coutinho. Neste ponto, parece que a personagem passa a ter mais clareza de sua identidade transexual ou de onde e como deve assim se comportar.



Fonte: www.laerte.art.br - Acesso em: 12 de nov. 2023.

Alguns pontos relevantes para a compreensão dessa tirinha atrelam-se à configuração de PDVs distintos, mas não contrastantes, como ocorre na tirinha 1, pois Hugo parece perceber que pode assumir estes PDVs em situações distintas. Nesse sentido, Hugo é um personagem que entende de informática, tecnologias e, no caso dessa narrativa, está aliando esses conhecimentos ao emprego de jornalista, contudo o termo ARENA¹⁸, no segundo quadrinho, faz acionar o lado combativo e politicamente engajado da personagem, o que só poderia ser incorporado por meio de Muriel. Vê-se aí uma espécie de distinção entre o que L1/E1 estabelece como sendo um comportamento masculino (do qual L2/e2 quer se distanciar) e outro feminino (o qual L2/e2 quer viver). O primeiro recatado, apático, insatisfeito, discreto, acomodado, não afeito a mudanças e o segundo, expansivo, exuberante, curioso, de bem com a vida e investigativo.

Seguindo esse raciocínio, destacamos o referente <Hugo> como saliente para a construção do ponto de vista, o qual analisamos brevemente. A recategorização deste referente se inicia no terceiro quadrinho em que Hugo aparece saindo de cena e indo para um espaço semelhante a um armário, pois observamos a perna do personagem num movimento que indica que ele está apressado e do qual posteriormente sai¹⁹. No balão de fala, Hugo diz que “isto é uma matéria para”.

¹⁸ ARENA é a sigla do nome Aliança Renovadora Nacional. Trata-se de um partido político de extrema-direita que existiu no Brasil durante o período da ditadura civil-militar. Em meados de 2012, já depois de extinto, houve um movimento por parte de políticos para a recriação desse partido.

¹⁹ Tal imagem remete à metáfora “sair do armário” que na tirinha se processa de forma efetiva.

Esse enunciado prepara o leitor para o quadrinho seguinte, no qual a recategorização é processada com a chegada de Muriel, apontada verbalmente e através de elementos imagéticos. O referente <Muriel> é apresentado por uma relação de intertextualidade com a ação/pose da super-heróina de histórias em quadrinhos “Mulher Maravilha” (levitando, um braço erguido com punho cerrado, uma perna dobrada e a outra esticada). A maneira como l2/e2, como referente é introduzido e retomado no texto colabora para guiar o leitor na construção da coerência, o que impacta no modo como este vai interpretar os anseios da personagem e a situação narrada (Rabatel 2016[2008]; Cortez, 2011).

Com PDVs dissonantes, Hugo e Muriel são colocados na narrativa como distintos, embora sendo a “mesma” pessoa. Como tal, aludem a modos de ver, pensar e agir distintos, os quais são materializadas na narrativa através de l2/e2 que veste as personagens Hugo e Muriel e assume seus respectivos PDVs. Este contraste é fundamental para que o PDV principal possa configurar-se como PDV do texto. Muriel, enquanto mulher transexual tem mais competência para desempenhar a função do que Hugo. Essa oposição também é constatada na fala de Hugo: “consegui emprego de jornalista, mas como Hugo...”, sendo esta afirmação relacionada diretamente à expressão facial do personagem que é de desgosto.

Por outro lado, Muriel, enquanto enunciadora, emerge na narrativa no último quadrinho com uma pequena fala em negrito, que é a anúnciação dela mesma, em um tamanho de fonte superior às letras que correspondem à fala de Hugo, fazendo com que Muriel ocupe posição superior em relação à Hugo. Este destaque aliado ao que é desenvolvido ao longo do texto, colocam o narrador em posição de consonância com o PDV de Muriel, o qual ele quer fazer-ver e que constitui o PDV do texto. Em outras palavras, L1/E1 mobiliza PDVs em contraste que indicam um enunciadador em posições distintas e por esta distinção configura o PDV principal, como se ele falasse por meio dos personagens.

Por fim, destacamos que, embora os elementos verbais sejam importantes no primeiro quadrinho, eles não exprimem por si só o PDV de Hugo. Isso só é perceptível pelas expressões faciais do personagem. Em contrapartida, a maneira como esses elementos constroem a personagem Muriel contrasta com esta perspectiva que Hugo exprime sobre a função de jornalista. A personagem aparece não somente feliz, como também disposta a realizar tal atividade. Essa construção da personagem que direciona o nosso olhar para um novo PDV é feita pelos elementos imagéticos, como as cores, o brilho no olhar, as feições de alegria. Dessa forma, como argumenta Nogueira (2024), não atentar para tais elementos multissemióticos na construção do PDV é deixar de fora uma parte significativa da construção do sentido. A seguir, apresentamos a última tirinha.

Tirinha 3 – O sutiã de maior número



Fonte: www.laerte.art.br - Acesso em: 12 de nov. 2023.

Nesta tirinha, percebemos Hugo²⁰ ainda no processo de transição, no qual as principais características são o descobrimento de si, do seu corpo e a percepção do corpo feminino e como fazer para conseguir tornar-se mais feminino (Nogueira, 2024). No caso dessa narrativa, observamos que isso acontece, sobretudo, pela percepção que Hugo faz de que os seios, ou melhor dizendo, o volume nos seios é um aspecto importante na caracterização feminina. Obviamente, outros elementos vão apontar para essa necessidade da construção de um perfil feminino como, por exemplo, o penteado feito no cabelo, os brincos, o batom nos lábios, o vestido e o par de botas.

Na tirinha, observamos também <Hugo> na condição de referente principal, ou seja, o referente que vai estar articulado com todos os outros secundários, sendo alguns destes enunciadores: i) <o indivíduo que está atendendo Hugo> que nem se quer aparece efetivamente na narrativa, mas apenas seus dedos (l3/e3), ii) no último quadrinho, <o sujeito que está passeando de bicicleta> (l4/e4), bem como iii) o referente <sutiã> que também é muito importante para a construção de sentidos e que durante toda a narrativa é nomeado indiretamente, introduzido e retomado por recursos imagéticos. Este último referente apresenta-se no cotexto verbal de duas formas diferentes: “meio pequenos” e “maior número”, articulando-se com os demais nessa rede de referentes (Matos, 2018) para a construção de sentidos: o vendedor apresenta os produtos, Hugo busca o tamanho de sutiã que lhe satisfaz (reflete sobre o pequeno e se encanta com o grande), Hugo veste os selecionados e o passante, ao fundo do último quadrinho fica espantado.

Destacamos ainda no último quadrinho uma mudança, ocasionada pela sensação de bem estar que o personagem mostra, não verbalmente, mas através da maneira como se posiciona no quadrinho. Ocorre, neste caso, uma recategorização de <sutiã>, ou seja, esse referente ganha um novo sentido. Em situações como esta, a presença do humor através de recategorizações é recorrente, ainda mais na relação entre as semioses verbal e imagética. Vale ressaltar ainda, no último quadrinho, o destaque que ganha esse referente-personagem, pois somente ele é apresentado com cores vivas, em detrimento dos elementos de fundo que apresentam o referente <o sujeito que está passeando de bicicleta> através de cor neutra e opaca, um tipo de monocromia, o que colabora para a construção do PDV, pois o destaque está em Hugo e todo o plano de fundo do quadrinho é homogeneizado através dessa cor.

Lançando um olhar sobre as instâncias enunciativas do PDV nesta tirinha, constatamos assim como nas tirinhas 1 e 2, a presença de L1/E1, ou seja, de um locutor-narrador primeiro que gere os fatos da narrativa, em sintonia com Hugo (l2/e2). Há também outros dois enunciadores que ocupam espaços de menor importância na narrativa, o vendedor (l3/e3), o qual podemos localizar pela fala no segundo quadrinho e pelos elementos imagéticos, pois esse locutor aparece segurando sutiã nos dois primeiros quadrinhos e ainda um l4/e4 que seria o personagem do último quadrinho que está passando de bicicleta, cujas expressões faciais demonstram surpresa diante do tamanho dos seios de Hugo.

Um fato importante é atentar para o modo como é perspectivado o referente <sutiã> no último quadrinho quando esse referente sofre a recategorização. Nesse caso, o referente ganha novos sentidos e o PDV que se constrói está relacionado com o bem-estar de Hugo, pois, neste quadrinho, o vemos andando pela rua de forma desinibida, exibindo um par de seios bem grandes. A tirinha 3 mostra o início da transição de gênero em que Hugo começa a construir uma visão feminina de si. Nesse sentido, a percepção do PDV principal que o personagem busca mostrar que é que para ele ter seios grandes é um sinônimo de feminilidade.

Após essa breve análise das tirinhas de Laerte Coutinho onde despontam os personagens Hugo e Muriel, convém estabelecer algumas considerações: i) há uma alta incidência de

²⁰ Importante dizer que nesta tirinha temos o personagem Hugo como protagonista. Vale ressaltar que não se trata ainda de Muriel, mas sim de experimentações feitas por Hugo. As feições de Muriel podem ser observadas nas duas tirinhas anteriores, onde destacamos como característica principal o corte de cabelo Chanel, curto, loiro e com franja.

recategorizações nas tirinhas, que colaboram para provocar o efeito de humor e realçar algum aspecto da feminilidade, como, por exemplo, o vestido vermelho, na tirinha 1, e seios grandes na tirinha 3. Tal realce está diretamente relacionado ao PDV principal, colaborando para instaurá-lo; ii) Hugo, como l2/e2, apresenta-se, nas tirinhas 1 e 3, em posições distintas por uma espécie de polarização masculino x feminino ou ainda velho x novo, que atua na construção do PDV de cada personagem: Hugo e Muriel, como versões do próprio Hugo nesta primeira fase. Assim, o referente <Hugo> é perspectivado de modo insatisfeito, chateado ou desmotivado com alguma situação, ao passo que, o referente <Muriel> é perspectivado em todas as tirinhas desse grupo como alegre, divertida ou capaz de realizar alguma atividade. Nesses casos, sempre há PDVs dissonantes, pois o PDV de Hugo sempre contrasta com o PDV de Muriel para poder gerar o sentido de que Muriel é superior a Hugo (identidade a qual ele quer alçar) é mais e/ou é melhor do que Hugo em alguma função, atividade ou situação.

Considerações finais

Com este artigo, discutimos como ocorre a construção do ponto de vista em tirinhas da cartunista Laerte Coutinho pela análise da referenciação. Situamo-nos em congruência com os postulados de Rabatel (2015, 2016[2008]), os quais atentam para o importante papel que a referenciação desempenha na e para a construção de pontos de vista. Como elucidada Cortez (2011, p. 110), “a representação do PDV liga-se estritamente à referenciação dos objetos de discurso.” Contudo, não poderíamos avançar na discussão aqui realizada se não considerássemos em nossa análise a convergência de semioses diferentes, verbais e não verbais, que colaboram não apenas para a construção dos sentidos do texto, mas, de forma detida, para fazer-ver os PDVs por meio do modo de apresentação dos referentes no texto. Desse modo, nos filiamos a trabalhos como os de Nogueira (2024), em que se assume que é urgente e necessário, para se avançar nas investigações em linguística textual, incorporar a análise de elementos multissemióticos quando se tem como interesse de pesquisa a análise articulada da referenciação e do ponto de vista em textos.

Via de regra, os estudos sobre o PDV ainda estão começando a atender para a multissemiose dos textos, enquanto nos estudos sobre a referenciação, a multissemiose é considerada como parte intrínseca dos textos, logo, também está presente nas análises (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014; Lima, 2017; Cavalcante e Martins, 2020; Cavalcante *et al.*, 2022, Oliveira, 2024). Ademais, problematizar as questões teóricas aqui discutidas na análise de tirinhas que narram experiências de grupos sociais historicamente marginalizados é importante, pois não atender para tal questão, é continuar contribuindo para que pessoas e produções de pessoas transexuais não sejam valorizadas e reconhecidas em espaços sociais, científicos e acadêmicos.

Em suma, nossas análises não apenas reafirmam como os processos referenciais são relevantes para a construção dos PDVs, somando-se a trabalhos em linguística textual, que há pelo menos duas décadas discutem estes fenômenos (Cortez, 2003, 2005, 2011, 2013), mas também e, principalmente, dão os primeiros passos no sentido de incorporar a multissemiose na análise dos pontos de vista. Portanto, insistimos sobre o papel dos elementos multissemióticos do texto na construção dos PDVs, sem os quais, a coerência ficaria comprometida, o que aqui foi evidenciado através das tirinhas.

Referências

CÂNDIDO DA SILVA, Raul Guilherme. *Tópico discursivo e construção do ponto de vista: o trabalho com a produção textual no contexto do Enem*. 182f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2021.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, Referência e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O Texto e as Suas Propriedades: definindo perspectivas para análise. *(Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n.25, p. 25-39, 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MARTINS, Mayara Arruda. Referência: em síntese. In: LIMA, Alisson; SOARES, Maria; CAVALCANTE, Sávio (org.). *Linguística geral: os conceitos que todos precisam saber*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 237-272.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas. Pontes Editores, 2022.

CORTEZ, Suzana Leite. *Referência e a Construção do Ponto de Vista*. 100f. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003.

CORTEZ, Suzana Leite. Referência e Ponto de Vista: constituição de instâncias discursivas para orientação argumentativa na crônica de ficção. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. *Referência e Discurso*. São Paulo, Contexto, 2005. p.317-337.

CORTEZ, Suzana Leite. *A Construção Textual-Discursiva do Ponto de Vista: vozes, referência e formas nominais*. 249f. 2011. Tese. (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2011.

CORTEZ, Suzana Leite. A Representação de Pontos de Vista em Reportagens de Revista Feminina. In: EMEDIATO, Wander. *A Construção da Opinião na Mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 293-311.

CORTEZ, Suzana Leite; KOCH, Ingedore Villaça. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Referência: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 9-28.

FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e Referência. *Fundamento – Revista de Pesquisa em Filosofia*, v.1, n.3, maio – ago. 2011, p. 21-44.

LIMA, Silvana Maria Calixto. Referência e Multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 2, n. 36, 2017, p. 101-114.

MACEDO, Patrícia Souza Almeida. *Análise da Argumentação no Discurso: uma perspectiva textual*. 245f – Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, Ceará, 2018.

MATOS, Janaica Gomes. *As Redes Referenciais na Construção de Notas Jornalísticas*. 2018. 259f. – Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, Ceará, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O Léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires (orgs.). *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263-284.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos Objetos de Discurso e Categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 17-52.

MUNIZ DA SILVA, João Paulo. *Uma Análise Textual da Argumentação em Memes Verbo-Visuais: entre os processos referenciais e as intertextualidades*. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2021.

NÓBREGA FILHO, Emanuel. *História das Multiplicidades Travestis em Muriel Total, de Laerte Coutinho: cartografias discursivas da estética de si por um devir transgênero*. 245f. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

NOGUEIRA, Bruno Huann da Silva. *Referenciação e Ponto de Vista nas Tirinhas de Laerte Coutinho e a (Re)construção dos Sentidos do Texto em Sala de Aula*. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2024.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. *Uma Análise Textual do Pathos em Polêmicas*. 2020. 144f. – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, Ceará, 2020.

OLIVEIRA, Letícia Júlia Silva de. *Análise multimodal da referenciação em produções audiovisuais humorísticas publicizadas no Instagram*. 2024. 142f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Recife, 2024.

RABATEL, Alain. Du Rôle des Postures Énonciatives de Surénonciation et de Sousénonciation dans les Analyses de Corpus. L'exemple des Reformulations, des Connecteurs et Particules Discursives. In: GUERNIER, Marie-Cécile; DURAND-GUERRIER, Viviane; SAUTOT, Jean Pierre (éds.). *Interactions Verbales, Didactiques et Apprentissages. Recueil, traitement et Interprétation Didactiques des Données Langagières en Contextes Scolaires*. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté. 2006. p. 221-248.

RABATEL, Alain. O Papel do Enunciador na Construção Interacional dos Pontos de Vista. In: EMEDIATO, Wander (org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, Trad. Wander Emediato, 2013. p. 19-66.

RABATEL, Alain; MASSMANN, Débora. Re-torno sobre um percurso em enunciação [uma entrevista com Alain Rabatel, por Débora Massmann], *Entremeios – Revista de Estudos do Discurso*, Seção Entrevista, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 11, p. 147-164, jul. – dez. 2015.

RABATEL, Alain. *Homo Narrans*: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração teoria e análise. Trad.: Maria das Graças Soares Rodrigues; Luis Passeggi; João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

ROCHA, Ariadne Cristine de Aragão. *Referenciação e Ponto de Vista*: uma análise da argumentatividade em notícias do instagram. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2023.

SILVA, Maria Eduarda dos Santos; CORTEZ, Suzana Leite. Fato ou Fake?: o papel da referenciação na construção de pontos de vista em fake news e em fact-checking. *Revista Odisseia*, Natal, v. 9, n. esp., p. 247-266, jul-dez, 2024.

Submetido em 28/01/2025

Aceito em 07/07/2025